HVMANITAS

[Recensão a] Gorges, Jean-Gérard; Encarnação, José de; Nogales Basarrate, Trinidad; Carvalho, António - Lusitânia Romana entre o Mito e a realidade: actas da VI mesa-redonda internacional sobre a Lusitânia Romana

Autor(es): Mantas, Vasco Gil

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23261>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_62_33

Accessed : 26-Apr-2023 16:32:19

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXII
2010

Saliente-se, ainda, em primeiro lugar, como motivo de interesse acrescentado para o leitor, a pervivência de um tema ascético desde as origens do cristianismo, até aos alvares da Idade Moderna aqui aflorados neste volume, que é precisamente o do combate espiritual entre o mal e o bem, de que o homem é protagonista e, ao mesmo tempo, objecto. Assim, o “passamento” do moribundo repete e concentra num ponto dramático o discernimento e combate que devia ser conduzido pelos monges, e pelo cristão em geral, ao longo da sua vida, numa vigilância atenta sobre os pecados do desespero e da impaciência (gerados pelo amolecimento da fé), da vã glória, da soberba, da avareza. Em segundo lugar, destaque-se a enorme difusão do tema, o seu carácter transversal a várias artes e a sua difusão para fora dos estritos ambientes consagrados, numa recepção que nos parece claramente diferenciada, como a diferença entre as gravuras que acompanham a versão latina e as que acompanham as versões modernas denunciam, estas destinadas a uma circulação mais vulgar. O carácter didáctico específico destas *Artes Moriendi* como manual de uso para religiosos especialmente dedicados ao cuidado pastoral e à unção dos enfermos explica a sua difusão na língua latina, mas o aparecimento e difusão de versões em vernáculo podem ser espelho do real interesse dos leigos sobre uma matéria tão sensível e dramática como era a morada da alma entre a morte e o Juízo Final, decidida agora nos derradeiros momentos de vida.

PAULA BARATA DIAS

GORGES, Jean-Gérard / ENCARNAÇÃO, José d' / NOGALES BASARRATE, Trinidad / CARVALHO, António (eds), *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*, Câmara Municipal de Cascais, Cascais, 2009, 520 páginas, ilustrado. ISBN 978-972-637-207-3.

O volume agora publicado reúne as comunicações apresentadas no decurso da Mesa-Redonda que teve lugar em Cascais no ano de 2004, a sexta de uma série iniciada em Bordéus em 1988, organizada então pelo desaparecido Centre Pierre Paris e com o apoio da Maison des Pays Ibériques. Interessado, desde o início, neste projecto internacional¹, foi naturalmente

¹ J.-G. Gorges, *Avant-propos*, in J.-G. Gorges (ed.), *Les villes de Lusitanie romaine. Hiérarchies et territoires*, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1990, pp.5-8.

com grande satisfação que assisti à edição das Actas da reunião de Cascais. Não é fácil avaliar um volume que conta com vinte e uma comunicações que, embora unidas pela temática enunciada, a Lusitânia romana entre o mito e a realidade, não deixam de exprimir uma individualidade marcada pelos interesses particulares dos diferentes autores, quase sempre reflectindo, como seria de esperar, as linhas principais da sua investigação.

Parte dos participantes são veteranos destas mesas-redondas, contando-se no grupo dos que têm contribuído de forma regular e relevante para o impulso, inquestionável, que o estudo da Lusitânia romana conheceu desde o final dos anos oitenta do século passado, em parte, é preciso reconhecê-lo, devido à feliz continuidade que estas reuniões atingiram. Estiveram representados cinco países: Portugal (5), Espanha (11), França (4), Itália (1) e Canadá (2). Como disse, alguns dos comunicantes participaram em reuniões anteriores, mas o modelo observado permitiu a inclusão de novos investigadores, particularmente daqueles que iniciaram há menos tempo carreiras académicas. Tal filosofia só pode estimular o debate científico, circunstância bem patente ao longo das páginas com que este volume, de muito agradável aspecto gráfico, apesar de necessitar de algum esforço na uniformização das referências bibliográficas, nos brinda.

O tema escolhido não perdeu com a relativa morosidade da publicação, pois os progressos entretanto verificados na apreciação da imagem ideológica da Lusitânia e do seu reflexo historiográfico ao longo dos tempos permitem, aqui e ali, uma vantajosa leitura. Por outro lado, e este aspecto não me parece menor, a evolução do que finalmente se admite como crise generalizada de um determinado modelo social e económico obriga a considerar atentamente a forma como os mitos históricos, presentes com maior ou menor força um pouco por toda a parte, podem influenciar a visão dos historiadores, sem excluir desta condição e deste condicionalismo, os arqueólogos. É claro que, mesmo colocando o mito à luz da investigação científica positivista, nem sempre teremos a garantia de atingir uma visão correcta da realidade, pois muitas vezes se criam vazios ou, o que é pior, novos mitos. Na verdade, é uma tendência natural do homem e das sociedades criar passados, quando não os conhece ou deles necessita², quase sempre por razões políticas ou económicas. Um breve olhar sobre a história europeia, para não nos

² Embora se trate de uma narrativa ficcional o assunto é tratado de forma brilhante por um escritor lusófono: José Eduardo Agualusa, *O vendedor de passados*, Círculo de Leitores, Lisboa, 2005.

afastarmos do nosso espaço cultural, não permite quaisquer dúvidas quanto a este aspecto³.

A grande variedade de contributos dificulta uma apresentação sistemática da obra, que teria ganho se os diferentes temas principais estivessem arrumados por secções. Para simplificar vou considerar três grandes áreas, traçando alguns comentários sem observar a ordem pela qual as comunicações surgem nas Actas. A coexistência de especialistas com diferentes formações e vocações explica uma certa redução no efectivo dos arqueólogos contribuintes, ao que não foi estranho o tema escolhido para a mesa redonda, como aliás, é referido. Assim, tratarei dos textos relacionados com o mito enquanto imaginário e símbolo, da confrontação entre mito e testemunhos reais e, por fim, das complicadas expressões do mito na historiografia. Em alguns casos poderia ser diferente, devido ao natural cruzamento de dados que utilizam, a inclusão de determinadas contribuições. Sublinho que o faço apenas com o fito de me simplificar a tarefa, para que esta não redunde num simples enumerar de autores e títulos.

Entre as comunicações relacionadas com as interpretações míticas, ao longo dos séculos, situamos a cativante exposição de Maria Helena da Rocha Pereira sobre a figura de Viriato na literatura portuguesa, a evocação por Federica Petracchia de um monarca ideal de uma Lusitânia fantástica, numa obra italiana do século XVII, e, de novo, a abordagem ao mito de Viriato por Pastor Muñoz, bom conhecedor do tema. Continuamos no âmbito do mito, agora com preocupações explicativas, com as comunicações de Robert Bedon a propósito da fundação de Lisboa por Ulisses, de J. Luís Sádaba sobre a fictícia identificação de *Pax Augusta* com Badajoz e de J. M. Salinas de Frías sobre a fundação mítica de Salamanca.

Como seria de esperar, a maioria das comunicações em que se confrontam mito e realidade reflectem mais abertamente o resultado da investigação arqueológica. É o caso da pertinente chamada de atenção de Carlos Fabião para o valor da condição atlântica da Lusitânia, da comunicação de L. Inês Vaz sobre a relação, obscura, entre Viseu e as Guerras Lusitanas, da desafiante exposição de Alicia Canto sobre o famigerado mito das éguas lusitanas; J.-G. Gorges e Rodríguez Martín voltam às Guerras Lusitanas com uma comunicação em torno do complexo republicano de El Pedrosillo, enriquecendo o reduzido

³ Esta melindrosa questão evoluiu negativamente nos últimos anos: P. Graves-Brown / Siân Jones / Clive Gamble (eds.), *Cultural identity and archaeology. The construction of European communities*, Routledge, Londres-Nova Iorque, 1996.

panorama de campos militares do século II a.C. Os problemas nem sempre fáceis da toponímia pré-romana e romana foram tratados por Leonard Curchin com a sobriedade que o identifica, enquanto a arqueologia e a epigrafia se aliam na comunicação de José d'Encarnação sobre as Termas dos Cássios e sua monumetal reconstrução no século IV. A epigrafia continua presente nos trabalhos de J. Edmondson, sobre os valores familiares, hoje tão maltratados, entre as famílias emeritenses, de Sabine Armani em torno do complicado problema do estatuto administrativo dos habitantes das colónias lusitanas, de Milagros Caballero sobre o maior ou menor conservadorismo entre a população feminina romanizada, assim como no contributo de J. M. Vallejo e J. Pallao Vicente, procurando determinar a fronteira provincial na região de Zamora. Andreu Pintado reflectiu sobre a questão da municipalização flaviana, tema que hoje ocupa numerosos investigadores. Neste vasto conjunto de comunicações podemos inserir também a de J. Lancha, que analisou a recepção dos mitos clássicos na arte musiva luso-romana.

O terceiro grupo de comunicações, mais orientado para questões historiográficas, conta com contributos de Cerrillo de Cáceres, sobre a historiografia regional estremenha dos séculos XVII e XVIII, de Marc Mayer sobre as relações, intensas, entre mito, política e realidade na historiografia da Lusitânia, de Vasco Mantas, que se ocupou da imagem da Lusitânia e dos Lusitanos numa obra de divulgação erudita dos inícios do século XIX. É claro que muitas das temáticas tratadas são transversais, reencontrando-se aqui e ali, nas diferentes comunicações.

Como é evidente não é possível reflectir sobre o imponente conteúdo deste volume caso a caso, o que me leva a referir pontualmente apenas uma ou outra questão, escolhida em parte por razões que se prendem com problemas que presentemente se debatem. A propósito da comunicação de F. Petracchia não me parece descabido considerar a publicação da obra de Mancini, surgida entre 1641 e 1650, no cenário da Restauração, conhecidos como são os esforços diplomáticos de D. João IV para obter o reconhecimento europeu da nova situação “lusitana”. A polémica comunicação de Alicia Canto merece, se não a recuperação do mito, pelo menos uma análise isenta de preconceitos, o que deve estender-se à questão das “sereias” avistadas na costa, com toda a probabilidade lobos marinhos ou focas monge. Quanto à embaixada a Tibério creio que houve outras boas razões envolvidas⁴.

⁴ Vasco Mantas, *As relações europeias do território português na época romana*, Estudos Arqueológicos de Oeiras, 15, 2007, p.199.

Seja como for, a força de uma cultura permite transmutar com frequência, através dos olhos da imaginação, a realidade.

A Cava de Viriato, em Viseu, surge por diversas vezes nos textos das Actas. Se já ninguém pensa atribuí-la ao herói lusitano, parece haver ainda resistência em admitir que o grande octógono representa uma obra militar califal, construída com toda a probabilidade sobre um campo romano de menores dimensões e planta rectangular. Esta resistência não deixa de reflectir, directa ou indirectamente, o valor simbólico do monumento⁵. Outra questão muito debatida nos últimos anos, com algum dogmatismo de quando em quando, é a da equivalência automática e imediata entre *Latium minus* e *Municipium*, largamente tratada por Andreu Pintado, com um ou outro lapso. Creio que os dados a favor dessa equivalência são tantos quanto os que lhe são contrários. Colateral a esta questão é o estatuto dos habitantes das colónias lusitanas, tratado por Sabine Armani. Continuo a considerar que, no caso de *Pax Iulia* (Beja), devemos admitir dois estatutos para o conjunto da sociedade local, itálico e latino, este último próprio da maior parte da população indígena estabelecida na cidade.

Problema interessante e na linha das tendências actuais da investigação é o do maior ou menor conservadorismo cultural das mulheres indígenas, tratado por Milagros Caballero, ainda que o estudo que nos ofereceu nestas Actas minimize, em termos estatísticos, o menor número de testemunhos femininos com onomástica indígena, face aos masculinos, o que pode falsear as conclusões.

O volume agora publicado põe em relevo a riqueza da problemática lusitana e o enorme interesse de que se reveste a realização desta série de reuniões, entretanto continuada em Toulouse e anunciada para Viseu. Vinte anos após a publicação das Actas da Mesa-Redonda de Talence continuo optimista quanto ao futuro desta iniciativa internacional e inter-universitária, apesar das dificuldades, reais ou invocadas, provocadas por uma crise para a qual os mitos pós-modernistas, não os do passado clássico, arrastaram a Europa. Termino reproduzindo o que escreveu Marc Mayer nas conclusões que encerram o volume: *El éxito de una mesa redonda se mide por un parámetro muy seguro que consiste en ver si el resultado obtenido es la suma separada de los resultados de las contribuciones, o bien se crea*

⁵ Síntese actualizada em: F. Themudo Barata / J. M. Mascarenhas / Vasco Mantas (col.), *A Cava de Viriato: história, paisagem e património*, Sociedade ViseuPolis, Viseu, 2008.

una idea general de la problemática que se queda fijada en la mente de quienes asisten a ella. Creo que esta última se ha conseguido. Por tudo isto devemos agradecer aos organizadores, participantes e entidades envolvidas, com destaque para a Câmara Municipal de Cascais.

VASCO GIL MANTAS

HESÍODO, *Teogonia. Trabalhos e Dias*. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Introdução, tradução e notas de Ana Elias Pinheiro e de José Ribeiro Ferreira (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005) 173 p. ISBN 972-27-1391-4.

Chega finalmente ao público português uma tradução cientificamente competente e integral das duas obras maiores de Hesíodo: a *Teogonia* e *Trabalhos e Dias*. Até à publicação das versões agora apresentadas, acessíveis na nossa língua dispúnhamos sobretudo dos excertos traduzidos por Maria Helena da Rocha Pereira na antologia *Hélade*⁶ e das traduções integrais em português do Brasil, da autoria de Jaa Torrano⁷ e de Mary de Camargo Neves Lafer⁸. Se no primeiro caso os excertos apresentados nos desvendavam a genialidade do poeta, deixando-nos na expectativa de ler mais, os dois últimos exemplos, apesar de versões integrais, traziam problemas acrescidos, que derivavam sobretudo da dificuldade em encontrar as traduções no mercado lusitano, mas também de um estilo de tradução que nem sempre é claro. Efectivamente, tanto Torrano como Lafer, independentemente das suas competências como helenistas e sem qualquer demérito para o seu trabalho, ofereceram ao público de língua portuguesa duas versões da obra de Hesíodo que não raramente deixavam os seus leitores apreensivos perante a dificuldade de compreender o texto vertido. Pudemos confirmá-lo amiúde, juntamente com os alunos de História das Culturas da Antiguidade Clássica, com os quais estudámos os textos em causa. Tais dificuldades dever-se-ão, em nosso entender, ao facto de os tradutores terem desejado

⁶ M. H. da Rocha Pereira, org. trad., *Hélade. Antologia da Cultura Grega*, Lisboa, 2009¹⁰, 107-115.

⁷ Hesíodo, *Teogonia. A origem dos deuses*, estudo e tradução de J. Torrano, São Paulo, Editora Iluminuras, 2001⁴, edição bilingue.

⁸ Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*, tradução, introdução e comentários de M. C. N. Lafer, São Paulo, Editora Iluminuras, 2002⁴, edição bilingue.